

## Capítulo IV

### *A linguagem plástica na intervenção educativa, social e cultural: desenvolvimento da experiência de formação «Autorretrato»*

Lúcia Grave Magueta

*Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, CI&DEI, Politécnico de Leiria, Portugal*

#### Resumo

As experiências de criação em torno do autorretrato permitem, a quem as vivencia, uma reflexão sobre si. Nas palavras de KATANOSAKA (2015, p.6), o autorretrato é «expressão artística e produção de conhecimento em direção à nossa existência, espaço para sermos e nos inventarmos, agirmos e termos a nossa reflexão». A representação da própria imagem é muito presente na história das artes visuais, havendo neste espaço de criação referências artísticas universalmente conhecidas, como Rembrandt, Van Gogh, Salvador Dali, Cézanne, Andy Warhol, Frida Kahlo, entre tantas outras. Existem artistas que dedicam a sua carreira apenas ao autorretrato como, por exemplo, o artista contemporâneo americano Bryan Lewis Saunders, que produziu o conjunto de obras intitulado *Under the Influence* (composições em que representa a percepção que teve de si mesmo após o consumo de substâncias diversas). Também Cindy Sherman, na fotografia, se constitui como uma referência contemporânea, ao incorporar várias personagens nos seus autorretratos.

Neste texto apresenta-se uma experiência de formação que tem sido desenhada e posta em prática no contexto da unidade curricular de Laboratório de Artes Plásticas do curso de Mestrado em Intervenção em Animação Artísticas e que incide sobre o autorretrato, como exercício de expressão da individualidade.

Os artefactos artísticos e as reflexões que têm resultado da concretização de várias edições desta experiência desocultam o seu valor para a formação de profissionais que atuam na área da educação e em diferentes âmbitos da intervenção comunitária.

**Palavras-chave:** Autorretrato; educação; expressão; intervenção; linguagem plástica

## Introdução

Neste texto são descritas as decisões pré-ativas, o desenvolvimento do processo criativo e a avaliação de uma experiência de formação dirigida a profissionais de educação e da intervenção social e cultural, sendo a sua principal finalidade a reflexão em torno do valor das experiências com a linguagem plástica para o trabalho nesses contextos.

Esta experiência teve lugar em várias edições do Laboratório de Artes Plásticas, uma Unidade Curricular (UC) que se enquadra no plano de estudos do curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas. Este ciclo de estudos integra a oferta formativa da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria e visa proporcionar conhecimentos e competências a nível teórico, prático e metodológico nas áreas chave da valorização da compreensão das potencialidades interventivas das artes na educação/animação.

Este curso de mestrado é frequentado por profissionais com formação ao nível da licenciatura em áreas diversas: artes, animação cultural, educação social, psicologia, educadores de infância e professores de diversos níveis de ensino. Esta diversidade na formação de base, inevitavelmente, leva a que cada grupo de estudantes tenha diferentes experiências e pré-requisitos relativamente aos conhecimentos e experiências no âmbito das artes visuais.

Dando «corpo» e «significado» aos propósitos do curso, a UC de Laboratório de Artes Plásticas procura que os estudantes (1) desenvolvam a perceção, a sensibilidade estética, a capacidade de interpretação e comunicação no registo gráfico de ideias pessoais e na análise de obras representativas em diversas vertentes das artes plásticas (pintura, escultura, instalação, design e outras); (2) utilizem a experimentação plástica com diferentes materiais e tecnologias; (3) utilizem a representação expressiva explorando a bi e a tridimensionalidade; (4) vivenciem e reflitam sobre os significados expressivos e comunicativos da linguagem plástica e os processos subjacentes à criação; (5) desenvolvam projetos de criação plástica explorando os aspetos estéticos e técnicos dos diferentes materiais e tecnologias (na pintura, escultura, instalação, design ou outras vertentes do uso da linguagem plástica); e (6) antecipem formas de utilizar as artes plásticas na intervenção em animação artística, tendo em conta a natureza dos contextos sociais e culturais.

Investigar as práticas em contexto permite refletir sobre as diferentes opções que se fazem em diferentes percursos – o do desenvolvimento da UC e o do desenvolvimento do curso – tendo como fim a (re)orientação do processo de formação, fazendo sempre a (re)construção do currículo e dos processos de ensino e aprendizagem, tendo como referência o estudante.

Tal como foi referido atrás, para descrever esta experiência de formação definiram-se três momentos, que correspondem à sequência em que se concretizam: as decisões pré-ativas; o desenvolvimento do processo criativo; e a avaliação do processo criativo e expressivo.

### **Contextualização teórica**

Um «autorretrato» é um registo que alguém faz de si mesmo. Esse registo pode materializar-se por diferentes meios – pode ser um autorretrato desenhado, uma pintura, uma escultura, uma fotografia, ou mesmo um autorretrato escrito. O autorretrato nem sempre representa a imagem real da pessoa. O artista espelha e reflete a sua imagem e a imagem do seu mundo, da sua época e dos seus valores (CANTON, 2001).

O autorretrato pode representar como o artista se vê, fazendo um exercício de descoberta de si mesmo. Nas palavras de VERA (2014), «O protagonista e o autor fundem-se na mesma pessoa, realizando uma obra de arte que mergulha na fronteira entre o estudo físico do protagonista e a psicanálise pessoal do próprio autor e representa, como resultado, os seus aspectos emocionais mais profundos, o seu estado de espírito e algumas características da sua personalidade».

GIL (2005) questiona se «Uma reta, uma cor, uma curva, seja qual for o seu grau de abstração, não exprime algo?». É também do significado expressivo do que vemos que nos fala ARNHEIM (1997), quando refere que a expressão são maneiras de comportamentos orgânicos e inorgânicos revelados na aparência dinâmica de objetos ou acontecimentos perceptivos.

A experiência de formação aqui descrita – e que se posiciona como um exercício de expressão da individualidade – identifica-se com a ideia de que o pensamento artístico deve fluir naquilo que o rodeia, sendo transversal, e não estar apenas fechado em si mesmo. A transversalidade, nesta experiência, efetiva-se no cruzamento de dife-

rentes meios de criação, de soluções divergentes, e na aceitação de que um processo semelhante poderá ser promovido em diferentes contextos, à luz do que é referido por PRADAS (2016). Para este autor, há situações que facilitam a criatividade e a busca de novas linguagens, formas de comunicação e expressão. Tendo o autorretrato tantas formas de ser materializado, apesar de o contexto de formação ser no âmbito da linguagem plástica, esta experiência de formação, nas diversas edições em que foi realizada, aceitou sempre que as produções dos alunos pudessem estar ligadas à literatura, ao teatro, à música, à dança, etc., facilitando interconexões. Tal como diz PRADAS (2016, p. 72), «Um pensamento global facilita a compreensão e avaliação de determinada questão em comparação a um pensamento isolado, cujas respostas serão sempre tendenciosas e parciais».

## **Decisões pré-ativas**

Ao desenhar uma sequência de momentos letivos, permeados por abordagens aos conteúdos da UC, optou-se por uma «metodologia da presença», tal como é designada por OLIVEIRA (2014), pondo em prática uma metodologia que incluía a história de cada estudante, tomando «o sujeito que aprende como ponto de partida dos processos de aprendizagem» (p.22). Assim sendo, os conteúdos encontram destaque à medida que se discutem soluções de composição nas produções dos estudantes – esboços, maquetes, pesquisas e *drafts* diversos.

A planificação da experiência desenvolve-se: (1) perspetivando as competências a desenvolver; (2) definindo uma sequência de momentos e etapas e o número de aulas previstas; (3) definindo espaços de reflexão, aprofundamento teórico e de integração e articulação com outros temas ou experiências anteriores; (4) selecionando bibliografia específica e outras fontes de informação; (5) definindo espaços de experimentação livre de técnicas e materiais; (6) perspetivando necessidades de espaço físico e de condições materiais para a concretização do processo criativo e expressivo; (7) numa lógica de investigação, perspetivando a recolha de dados para a avaliação e para o estudo da experiência de formação.

Também é neste espaço de decisão, anterior à concretização das aulas, que se prepara o «cenário pedagógico» que despoletará a criação – a preparação de materiais didáticos, a seleção de fontes de pesquisa de imagens e de referências teóricas.

Aos estudantes sugerem-se as seguintes etapas: *sonhar*, imaginar algo, partindo de um indutor – algo que despoleta o processo criativo; *tornar visível o pensamento*, «materializando» em traços o(s) objeto(s) imaginado(s) e pensar em materiais que tornam a ideia exequível, tendo em conta o tempo disponível, as etapas de construção do objeto e a organização espacial dos elementos - os de suporte, estruturais e de maiores dimensões, e outros de menor dimensão; *executar* – construção do que se idealizou, construindo estruturas, elementos que se agregam de acordo com uma organização espacial previamente organizada e planeada, aplicando técnicas adequadas aos materiais; *avaliar* – no processo de execução, definir um momento em que se faz uma análise: o objeto criado representa a intenção expressiva inicial? O que se alteraria? Está equilibrado? Há coerência visual no conjunto? O todo e as partes «comunicam» entre si e articulam-se? Há uma lógica visual? Denota sentido estético?; *finalizar* ou *repetir* o processo, idealizando novas soluções, compreendendo o “erro” (ou “desvio”) como parte do processo.

Pelas soluções de composição que incorporam – nas quais se utilizam meio de criação plástica ao alcance dos estudantes – selecionaram-se obras da autoria dos ilustradores referenciados por BUSCH, KLANTEN e HELLIGE (2013), tais como John Stezaker, Sergei Sviatchenko, Curžes, Jessie Draxler, Eli Craven, Matthieu Bourel, entre outros. De igual modo, também se selecionaram obras de autorretrato de diferentes épocas e artistas: Rembrandt, Van Gogh, Salvador Dali, Cézanne, Andy Warhol, Frida Kahlo, Bryan Lewis Saunders, Cindy Sherman, Scott Hutchison, entre tantas outras.

## **Desenvolvimento do processo criativo**

Num momento inicial, desenvolve-se uma fase de planeamento – ao planear, o estudante deve também pesquisar, tendo como referência as questões: «O que sei sobre materiais e o modo como se transformam?»; «O que vejo nos materiais e objetos que me rodeiam e me dá pistas visuais para a criação?»; «Que obras e artistas conheço e que posso ter como referências para desbloquear o meu processo criativo?»; «Em termos das artes visuais, como é que o tema que seleccionei já foi representado? (fazer pesquisas de imagens por ilustrações, capas de livros, objetos artísticos, registos fílmicos, etc...)»; «Que referências visuais já existem a respeito deste tema?». Para SALLES (2007, p. 47), as imagens podem ser «geradoras», na medida em que «podem agir como elementos que propiciam futuras obras, como, também, podem ser determinantes de novos rumos ou soluções de obras em andamento».

O processo criativo surge despoletado pelas respostas à questão «O que me caracteriza?» e «O que me representa?» e por diferentes exercícios: a observação de si ao espelho – o corpo, o rosto e as emoções que revela; a observação de fotos representativas de si em diferentes momentos da vida – a infância, fotos de família, registos fotográficos de momentos marcantes; registos fotográficos recentes; «selfies» usadas nas redes sociais; conjuntos de imagens relativas a outros elementos – espaços, paisagens de locais específicos (praia, floresta, campo, cidade), e símbolos; e *brainstorming* de ideias – máximas, cores simbólicas, palavras (*hobbies*, valores, nomes de familiares), frases, elementos. Estas possibilidades surgem porque a experiência artística pode ser despoletada por um elemento primordial, «uma inscrição num muro, imagens de infância, um grito, conceitos científicos, sonhos, um ritmo, experiências da vida quotidiana (...) O facto que provoca o artista é da maior multiplicidade de naturezas que se possa imaginar. O artista é um recetáculo de emoções» (SALLES, 2007, p. 55).

Tendo como referência, ou não, as obras artísticas analisadas, ou outras que foram encontradas em pesquisas de imagens, começam os primeiros ensaios de composição visual.

Nesta fase inicial há, habitualmente, um registo que predomina – organizar composições com fotos, que se recortam e se fragmentam para «capturar» uma expressão ou um pormenor de expressão. Das cópias em cor ou a preto e branco extraem-se fragmentos que se vão agrupando, fazendo representação plástica de ritmo e movimento.

Os esboços desenvolvem-se com registos fotográficos integrados com o desenho, a pintura e a colagem de materiais diversos. As soluções de composição integram a fotomontagem, o *cadavre exquis*, a assemblagem, entre outras (ver exemplos representados nas Figuras 1, 2 e 3).

Neste processo, volta-se a observar a obra artística, a discuti-la, a descobrir os processos de criação que lhe estão subjacentes. O facto de se vivenciar os exercícios anteriores traz à análise um olhar focado, crítico e mais compreensivo e interessado no conhecimento da obra. Esta “releitura” provoca novos esboços e novas possibilidades de composição que vão desembocar nas decisões relativamente a uma composição “final”.



**Figuras 1, 2 e 3** – *Algumas composições de autorretrato*

Nos esboços e maquetes, explorações livres e “informais” de construção de imagem, através da exploração plástica bidimensional e tridimensional, concretiza-se a experimentação de meios de criação plástica e ressaltam as abordagens a diferentes conteúdos, requeridos pelas situações criadas – a leitura da imagem, a forma, a relação figura-fundo, a estrutura da composição, o equilíbrio visual, a dinâmica, a luz, a cor, o espaço, em geral, no modo como são abordados por ARNHEIM (1997), JOLY (1994), entre outras referências teóricas das artes visuais.

As composições finais, ao longo das diferentes edições desta experiência têm incluído os seguintes meios de criação: desenho; pintura; colagem plana e em volume (monomaterial e polimaterial); colagens com fotomontagem; exploração da tridimensionalidade, através de construções (em *layers*, por exemplo); construção de agamógrafos; preenchimento de fundos com técnicas de pintura diversas (*dripping*, *zentangle*, estampagem, entre outras).

### **Avaliação do processo criativo e expressivo**

Esta experiência faz sobressair o que o autorretrato pode trazer ao ensino das artes visuais e ao desenvolvimento de um currículo nesta área, concretizando o que refere GOODSON (2007). Para este autor é importante que se criem as possibilidades para que as narrativas pessoais possam fazer parte da construção curricular e do próprio processo formativo, mudando de um currículo prescritivo para um currículo como identidade narrativa. Crê-se que a experiência aqui descrita se inscreve nesta intenção.

As composições (*drafts*, maquetes e trabalho final), os registos que se fazem sobre o processo ocorrido e as reflexões orais e escritas permitem fazer uma avaliação do desempenho e aprendizagem dos estudantes, à luz dos referentes que se apresentam no Quadro 1.

**Quadro 1-** *Referentes a considerar na avaliação*

Referentes para a avaliação
1. Estende o(s) temas ou conceito(s) em várias direções
2. Desenvolve um aspeto do tema ou conceito em detalhe
3. Transfere o conhecimento do tema ou conceito para o trabalhos artístico
4. Explora várias ideias
5. Corre riscos através da exploração de algo novo para si próprio
6. Mostra interesse pela experiência artística e pelos conteúdos da UC
7. Desafia-se a si próprio
8. Descreve o que funcionou ou não funcionou na sua experiência pessoal
9. Identifica o que gostaria de modificar no percurso do seu trabalho
10. Descreve o que o seu trabalho significa para si pessoalmente
11. Discute porque é que determinadas escolhas são feitas
12. Descreve ideias, sensações e imagens que são evocadas pela experiência artística
13. Trabalha com autonomia, iniciativa, espírito crítico
14. É cooperante, partilhando as suas ideias com o grupo
15. Revela fluidez, flexibilidade, originalidade, capacidade de organização e manipulação
16. Experimenta técnicas, materiais e modos de formar, com espontaneidade e expressividade
17. Desenvolve o seu percurso de criação plástica com discussão e partilha de ideias
18. Reflete sobre a relação entre as experiências com a linguagem plástica e situações de intervenção
19. Revela que aprofundou conhecimentos sobre os conteúdos da UC

Desta experiência, resulta um enriquecimento das redes de sociabilidade existentes nos grupos, porque todos os seus elementos puderam conhecer-se mais um pouco, dando assim concretização à afirmação de SALLES (2007, p.41), «A arte é social, porque toda a obra de arte é um fenómeno de relação entre os seres humanos». Constatando que a criação é um ato comunicativo, esta autora refere também que «O artista não cumpre sozinho o ato da criação. O próprio processo carrega o futuro

diálogo entre o artista e o recetor (...) Está inserido em todo o processo criativo o desejo de ser lido, escutado, visto ou assistido» (pp. 47-48). Os estudantes, nas suas reflexões, referem usualmente que se sentiram desafiados por transferirem para uma linguagem simbólica as ideias que tinham sobre si mesmos, sendo notório o receio inicial por comunicar numa linguagem com a qual não estavam familiarizados. É também frequente a assunção do medo da exposição perante os outros.

As interações durante as aulas têm permitido refletir sobre a transferibilidade da experiência para situações de intervenção – a experiência do autorretrato permite construir uma imagem de si mesmo, estimulando o autoconhecimento, a autocrítica, a comunicação sobre si – estas ideias, que advieram da experiência formativa vivida pelos estudantes, são vistas como fundamentais em situações de intervenção, em que se busca a expressão da individualidade e se procura que a mesma seja capacitante. Este é, sem dúvida, um dos resultados mais importantes da experiência, tendo como referência as finalidades do curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas.

## **Conclusão**

Nas diferentes ocasiões em que esta experiência de formação se concretizou, a criação plástica partiu de um exercício de reflexão pessoal onde, para além da sua imagem, cada um se via e se deixava ver pelo “outro”. Neste processo, que procurou ir para além da autorrepresentação, foram realizados registos autobiográficos de natureza diversa: reflexões escritas, pesquisas visuais, esboços, projetos e experiências com materiais e técnicas. Este percurso de construção de ideias e de exploração dos elementos da linguagem plástica culminou com a criação de uma composição final.

As propostas criativas vivenciadas no Laboratório de Artes Plásticas permitiram aos estudantes refletir sobre os significados expressivos e comunicativos da linguagem plástica e sobre os processos subjacentes à criação; experimentar diferentes materiais, técnicas e soluções de composição; e perspetivar formas de utilizar as artes plásticas na intervenção e animação artísticas, tendo em conta a natureza dos contextos educativos, sociais e culturais em que essa intervenção possa ocorrer.

## Bibliografia

- ARNHEIM, R. (1997). *Arte e Percepção Visual. Uma Psicologia da visão criadora*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.
- BUSCH, D. , KLANTEN, R. & HELLIGE, H. (2013). *The age of Collage. Contemporary collage in modern art*. Berlin: Gestalten.
- CANTON, K. (2001). *Espelho de Artista. Auto-retrato*. São Paulo: Cosac Naify.
- GIL, J. (2005). *Sem título. Escritos sobre Arte e artistas*. Lisboa: Relógio d'Água.
- GOODSON, I. (2011). Currículo, narrativa e futuro social. *Revista Brasileira de Educação*, 12 (35), 241-252.
- JOLY, M. (1994). *Introdução à Análise da Imagem*. Lisboa: Edições 70.
- KATANOSAKA, V. Y. (2015). *Autorretrato. Fotografia. Reflexão* [Dissertação de Mestrado em Educação, Arte e História. Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo]. Biblioteca Digital Mackenzie. <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/1927>
- OLIVEIRA, R. (2014). O sentido da memória e dos objetos pessoais na formação docente em artes visuais. *Revista Matéria-Prima*, 2 (4), 20-28.
- PRADAS, F. S. (2016). El dibujo de um programa pedagógico. La creatividad y la transversalidad como eje fundamental en las artes. *Arte y Políticas de Identidad*, 14, Jul. 2016, 68-78.
- SALLES, C. A. (2007). *Gesto inacabado. Processo de Criação Artística*. São Paulo: Annablume Editora.
- VERA, J. R. M. (2014). Autorretrato: Identidad y reflexión en el arte de la región de Murcia. *Argus-a Artes & Humanidades*, 3 (1).